

## REPRESENTAÇÕES MACABRAS EM MORTE E VIDA SEVERINA

George Lima<sup>1</sup>

**RESUMO:** O objetivo que orienta nossa pesquisa é investigar a razão lógica por trás das ocorrências representacionais do poema dramático **Morte e Vida Severina**, colocando em relevo as representações macabras. Concernente à metodologia utilizada, optamos por um estudo documental da obra cabralina, utilizando como método de investigação a Semiótica desenvolvida por Charles S. Peirce (2010). Empregando esta metodologia, visamos perfilar os signos de morte no poema dramático cabralino, desse modo fundamentando nossa pesquisa como uma espécie de taxonomia dos signos de morte em nosso *corpus* de análise.

**Palavras-chave:** Morte; Morte e Vida Severina; Semiótica;

**ABSTRACT:** The objective that guides our research is to investigate the logical reason behind the representational events of the dramatic poem **Morte e Vida Severina**, putting in relief the macabre representations. Concerning the methodology used, we chose a documentary study of the Cabral's work, using as a method of research the Semiotic developed by Charles S. Peirce (2010). Applying this methodology, we aimed to profile the signs of death in the dramatic poem of Cabral, thereby substantiating our research as a kind of taxonomy of the death signs in our corpus of research.

**KEYWORDS:** Death; Morte e Vida Severina; Semiotic;

### Introdução

Fazer uma análise do tipo semiótica (designada também como lógica) é procurar entender os modos de disposição dos signos que compõe aquilo que estamos analisamos e a razão por trás da remição e da emergência de outros novos signos. Com base nesta afirmação, poderíamos nos perguntar: O que é um signo num poema? Como, quais e por que objetos são representados nele? E, quais signos são e estão aptos a serem provocados numa mente interpretadora?

Tais questionamentos exigem de nós uma postura um tanto quanto classificatória para apontar tais procedimentos e aspectos que caracterizam e tipografam um determinado signo dentro de um sistema de correlações. Neste sentido é que o presente artigo analisa os signos macabros através de recortes no poema dramático **Morte e Vida**

---

<sup>1</sup>Graduado em Letras pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias – DCHT, Campus XXI.

**Severina**, escrito por João Cabral de Melo Neto, envolvendo construções poéticas às indexações (ocorrências) e iconografias (ícones grafados), as quais o aspecto marcante recai na percepção de qualidades e ocorrências da morte. Desse modo, a demanda que norteia nossa pesquisa é procurar entender qual a razão lógica por trás das ocorrências representacionais no poema dramático **Morte e Vida Severina**, levando em conta os signos que representam a morte.

### **A semelhança, a lei e a existência no cerne do signo.**

No presente artigo, analisamos a natureza dos signos de nosso *corpus* enquanto representações da morte. No entanto, para realizarmos este exame, discorreremos aqui aspectos gerais que caracterizam o paradigma representante dentro da semiótica de perspectiva peirciana. Daí, partimos da noção de signo presente nos tratados de Charles S. Peirce.

Quando entramos colidimos nossos aparelhos perceptivos em relação com uma caneca, esta caneca comunica ao nosso aparelho cognitivo que ela foi colocada ali por alguém, que ela não é um copo qualquer, mas um tipo específico de recipiente e que tem determinada utilidade dentro de um sistema de valores culturais. Esta caneca só comunica estas informações (entre muitas outras) porque está apta a funcionar como um signo.

De acordo com Peirce (2010, p. 47), um signo é tudo aquilo que representa algo a alguém. Ao nos depararmos com essa generalização, damos conta da abrangência semântica que abarca essa noção, isto é, um signo pode ser um choro, uma fatalidade, uma equação de primeiro grau, um avião pousando, a morte ou qualquer outra coisa que está (potencialmente ou não) disposto a entrar numa relação com uma mente interpretadora. Quando levamos em conta da ideia de signo, percebemos que ele possui em sua essência três elementos que se correlacionam: 1) o signo (ou *representamen*), que é o elemento com o qual os aparelhos perceptivos se deparam; 2) o objeto, que é aquilo que o signo substitui ato de representação; e 3) o interpretante, que é ideia criada na mente a partir da correlação entre o *representamen* e o objeto.

Convém chamarmos atenção para a natureza de correlação entre os elementos do signo para deixarmos claro o processo lógico dentro de uma cadeia semiótica, isto é, o

signo só funciona como tal pelo motivo de uma razão. Esta razão é que chamamos de fundamento do signo, uma vez que é ela que fundamenta os procedimentos de classificação do signo enquanto primeiro correlato da semiose, o que designa o poder representacional do *representamen*.

Há mais dentro desse procedimento relativo: Lucia Santaella (2008), a partir dos tratados peircianos, aponta a existência de duas tipologias de objetos: 2.1) objeto imediato e 2.2) objeto dinâmico. O objeto imediato seria o aspecto do signo percebido que remete ao objeto *ipsosfacto* (o objeto dinâmico). A razão por trás da nomenclatura “imediate” se fundamenta do fato de serem primeiramente percebidos os aspectos qualitativos para secundariamente dar-mo-nos conta daquilo que é dinâmico (real, secundário, bruto e abrupto). É na urdidura classificatória dessa relação entre objetos que podemos pensar numa classificação tipológica do signo.

Dentre todas as classificações de signos decantadas na gramática especulativa peirciana, as mais populares e faladas são aquelas que dizem respeito à relação entre o objeto e o *representamen*. Estes são o a) ícone, que tem em seu cerne a categoria fenomenológica de Primeiridade, *i.e.*, o objeto imediato mantém uma relação de semelhança com o que representa; b) o índice, que possui a Secundidade como natureza marcante, isto é, mantém uma relação de existência (factual) com o que indica; e c) o símbolo, que tem a Terceiridade como aspecto matriz, *i.e.*, mantém uma relação legitimada, convencional e relativa com o que designa.

### **Semioses macabras em Morte e Vida Severina.**

O poema dramático **Morte e Vida Severina**, escrito por João Cabral de Melo Neto, que tem como subtítulo **Auto de Natal Pernambucano**, é dividido em 18 partes que contam a trajetória do personagem retirante, chamado Severino, seguindo o caminho do rio Capibaribe, em busca da capital de Pernambuco – Recife. O poema é caracterizado e muito conhecido por apropriar-se de palavras que constituem a fala nordestina e por fazer uso de uma linguagem simples, direta e objetiva, caracterizando assim o estilo *à palo seco*.

**Morte e Vida Severina** começa com a apresentação do personagem Severino. Tal personagem apresenta-se ao leitor e explica a emigração que irá fazer. Durante essa

sua apresentação, Severino mostra a semelhança entre as pessoas que vivem na condição de sofrimento, ou melhor, necessidade. Nessa primeira parte, evidenciamos a primeira representação da morte. Vejamos:

E se somos Severinos  
iguais em tudo na vida,  
morremos de morte igual,  
mesma morte Severina:  
que é a morte de que se morre  
de velhice antes do vinte,  
de fome um pouco por dia  
(de fraqueza e de doença  
é que a morte Severina  
ataca em qualquer idade,  
e até gente não nascida). (MELO NETO, 2007, p. 92)

Observando o excerto acima, a morte aparece a nós adjetivada com o termo “severina”, mostrando a forma como ela acontece – sofrida –, mas o que nos chama atenção é o modo pelo qual é significada a morte num sentido mais amplo. Nesse fragmento do poema, podemos perceber a apresentação de um encadeamento de idades e faixas etárias em que a morte pode acontecer (ou acontece). Essa sequencia de idades não é representada de forma cronológica, ou seja, não segue uma diacronia numérica, apontando que a qualquer momento a morte pode acontecer. Notamos que esta representação do poema mantém uma relação de semelhança com a morte (objeto), tendo em vista a tentativa de fazer um diagrama da imprevisibilidade da morte – e somente deste aspecto. Nesta passagem, a morte apresenta-se como um acontecimento imprevisível, que pode acontecer com qualquer um, a qualquer momento.

Logo depois de sua apresentação, na segunda parte do poema, o retirante Severino inicia seu êxodo rural e, no decorrer desta sua caminhada, avista dois homens, denominados por “Irmão das almas”, carregando um corpo morto embrulhado numa rede. Nesta passagem, o retirante se dirige aos dois homens para fazer uma série de perguntas a respeito do defunto. Entre estas perguntas, questiona o modo como ocorreu a morte do defunto, porém fica uma incógnita de quem o matou:

— E foi morrida essa morte,  
irmãos das almas,  
essa foi morte morrida  
ou foi matada?  
— Até que não foi morrida,  
irmão das almas,

esta foi morte matada,  
numa emboscada.  
— E o que guardava a emboscada,  
irmão das almas,  
e com que foi que o mataram,  
com faca ou bala?  
— Este foi morto de bala,  
irmão das almas,  
mais garantido é de bala,  
mais longe vara.  
— E quem foi que o emboscou,  
irmãos das almas,  
quem contra ele soltou  
essa ave-bala?  
— Ali é difícil dizer,  
irmão das almas,  
sempre há uma bala voando  
desocupada. (*Ibid.*, p. 94)

Como sabemos e podemos ver, as perguntas pressupõem, na sua maioria das vezes, respostas e, por isso, são e demandam uma proposição (proposições são tipos de interpretantes gerados a partir de legi-signos<sup>2</sup> indiciais). Vejamos mais um fragmento:

— A quem estais carregando,  
irmãos das almas,  
embrulhado nessa rede?  
dizei que eu saiba.  
— A um defunto de nada,  
irmão das almas,  
que há muitas horas viaja  
à sua morada.  
— E sabeis quem era ele,  
irmãos das almas,  
sabeis como ele se chama  
ou se chamava?  
— Severino Lavrador,  
irmão das almas,  
Severino Lavrador,  
mas já não lavra. (*Ibid.*, p. 93)

Ao observarmos o termo “defunto”, na citação acima, constatamos mais uma presença da morte. Segundo Houaiss e Villar (2009, p. 607), o substantivo “defunto” representa “que ou quem morreu; falecido”, ou seja, um substantivo que denota o modo indicativo da morte ocorrida no passado. Esse fator indicativo é acentuado na percepção dos verbos “era”, “chamava”, “guardava”, “mataram”, “emboscou” e “soltou” e locuções verbais como “foi morrida” e “foi matada”, indicadores do pretérito. A

---

<sup>2</sup> Segundo Santaella (2005, p. 104), legi-signos são signos de lei, isto é, que foram convencioneados a agir como signos.

predominante presença de pronomes também ajuda na indexicalidade da morte. Como podemos evidenciar, aquelas proposições que foram demandadas pelos questionamentos feitos pela personagem Severino são, agora, supridas pelos índices que denotam a morte. Todos esses fatores designam a morte enquanto evento que finda a vida.

Na quarta parte do poema, o retirante chega numa casa em que estão cantando ladainhas para o defunto e, do lado de fora, encontra-se um homem ironizando essas excelências cantadas ao defunto. Nesta parte do poema, evidenciamos o termo “Finado”, que mostra a morte sendo representada de forma indicial novamente, porém há outras constatações que nos faz mudar de postura diante dessa representatividade da morte. Observemos o seguinte excerto:

– Finado Severino,  
quando passares em Jordão  
e os demônios te atalharem  
perguntando o que é que levas...  
– Dize que levas cera,  
capuz e cordão  
mais a Virgem da Conceição. (MELO NETO, 2007, p. 99)

Levando em conta este fragmento, podemos perceber, que mesmo morto, há uma espécie de mensagem direcionada ao defunto, pressupondo uma transposição de lugar a outro e, por sua vez, vida pós-morte, muito semelhante ao que Maranhão (2008, p. 73) diz: “trampolim de esperança absoluta, um salto sobre o tempo em direção à transcendência”. Como vimos no primeiro capítulo deste nosso trabalho monográfico, não há nenhuma confirmação factual da existência de algum momento pós-morte para aqueles que morreram (além do imaginário e das memórias em que pode ser materializada a imagem do defunto). Por isso, qualquer afirmação feita a respeito da vida pós-morte torna-se uma convenção, pois não há nenhuma relação qualitativa e nem existencial com aquilo que representa, mas aspectos ritualísticos. Neste ponto, evidenciamos a morte representada simbolicamente como processo de transporte do espírito para outro universo. Essa evidência pode ser confirmada na constatação das palavras “demônio” e “Virgem Conceição”, pressupondo assim outra dimensão espacial (paraíso e/ou inferno?), expressões ideológicas muito evidentes nas discussões religiosas.

Nessa emigração, Severino pensa em não prosseguir a viagem à capital de Pernambuco, pois durante sua trajetória não há nada que possa motivá-lo a continuar nessa jornada, pois o personagem só a morte tem visto frequente, e o que não foi morte era de vida sofrida, isto é, vida Severina.

Durante essa paragem para pensar a interrupção de sua jornada, Severino encontra uma mulher numa janela. Segundo a visão do protagonista Severino, essa senhora parece portar poder aquisitivo, ser independente e remediada, o que leva Severino a ter um diálogo com ela, à procura de emprego. No decorrer desta conversa, a mulher pergunta a Severino sobre as experiências de trabalho do retirante, porém o conhecimento do retirante não é o suficiente para arrumar um emprego, pois o que sabe fazer é muito familiar para os sobreviventes do espaço retratado no poema, o que acarreta a indagação de Severino sobre o modo como esta senhora mantém o lar. A personagem responde dizendo: “como aqui a morte é tanta,/vivo de a morte ajudar” (MELO NETO, 2007, p. 104). Tal resposta induz Severino a agir mais uma vez de forma questionadora, só que desta vez o personagem pergunta se existe um trabalho além da morte ajudar, e a mulher responde da seguinte forma:

Só os roçados da morte  
compensam aqui cultivar,  
e cultivá-los é fácil:  
simples questão de plantar;  
não se precisa de limpa,  
deadulbar nem de regar;  
as estiagens e as pragas  
fazem-nos mais prosperar;  
e dão lucro imediato;  
nem é preciso esperar  
pela colheita: recebe-se  
na hora mesma de semear. (*Ibid.*, p. 106)

Ao levarmos em conta o excerto logo acima do poema cabralino, percebemos que são utilizados os caracteres potenciais qualitativos representacionais dos termos “roçados”, “cultivar”, “plantar”, “adubar”, “colheita” e “semear” em paralelo com o termo “morte”, construindo assim a metáfora<sup>3</sup> “plantar a morte”. Aparentemente parece contraditório o paralelismo entre estas duas expressões semânticas, tendo em vista que o termo “plantar” está para nascimento e a palavra “morte” representa a finalização da

---

<sup>3</sup> Segundo Peirce (2010, p. 64), as metáforas podem ser classificadas como tipos de ícones, visto que se cria um paralelismo entre duas expressões para mimetizar aquilo que se quer representar.

vida, porém o que podemos perceber é que a morte, assim como o nascimento de uma semente e/ou qualquer outra ocorrência natural, apresenta-se como um fato. É claro que essa realidade vai variar de acordo com as condições de vida, pois como vemos no poema, a morte é mais presente entre os Severinos, por assim dizer, que em outra classe social.

Na oitava parte do poema dramático **Morte e Vida Severina**, apesar de vermos um ritual fúnebre, isto é, uma atitude simbólica diante da morte, constatamos que a morte apresenta-se mais uma vez metaforizada para tentar criar uma imagem da morte como um evento interconectado na estrutura da vida. Vejamos:

– Viverás, e para sempre  
na terra que aqui aforas:  
e terás enfim tua roça.  
– Aí ficarás para sempre,  
livre do sol e da chuva,  
criando tuas saúvas.  
– Agora trabalharás  
só para ti, não a meias,  
como antes em terra alheia.  
– Trabalharás uma terra  
da qual, além de senhor,  
serás homem de eito e trator.  
– Trabalhando nessa terra,  
tu sozinho tudo empreitas:  
serás semente, adubo, colheita. (*Ibid.*, p. 109)

E ainda,

– Deste chão és bem conhecido  
(te espera de recém-nascido).  
– Não tens mais força contigo:  
deixas-te semear ao comprido.  
– Já não levas semente viva:  
teu corpo é a própria maniva.  
– Não levas rebolo de cana:  
és o rebolo, e não de caiana.  
– Não levas semente na mão:  
és agora o próprio grão.  
– Já não tens força na perna:  
deixas-te semear na coveta.  
– Já não tens força na mão:  
deixas-te semear no leirão.  
– Dentro da rede não vinha nada,  
só tua espiga debulhada.  
– Dentro da rede vinha tudo,  
só tua espiga no sabugo. (*Ibid.*, p. 110)

Como podemos perceber nos excertos acima, palavras que compõem o campo semântico daqueles que fazem da plantação ofício são ditas e esclarecidas durante o enterro do trabalhador. Este enterro é visivelmente sinalizado pelos índices “terra” e “chão”. Tais constatações corroboram para o que tínhamos exposto anteriormente, isto é, a morte apresenta-se paralelamente associada à essência representativa do termo “semente”. Vale ressaltar que essa característica mimética da morte enquanto fenômeno natural é intensificada quando dizem que o chão é bem conhecido pelo finado trabalhador, pois o espera desde que era recém-nascido.

Severino retirante decide apressar seus passos para chegar ao seu objetivo e, quando chega a Recife, decide “descansar” num muro alto, em que, sem ser notado, ouve dois coveiros conversando. Os coveiros falam das vantagens e desvantagens que são acarretadas a depender dos cemitérios da capital pernambucana em que é exercido o trabalho de coveiro. Entre estes, referem-se ao fluxo excessivo de pessoas mortas que são destinadas a serem enterradas no cemitério “Casa Amarela” (classificação utilizada pelos coveiros para tipificar o padrão social das pessoas que são enterradas ali). Este fluxo é referido de forma tão intensificada, que chega a ser comparado a uma parada de ônibus, exigindo assim mais esforço de trabalho dos coveiros. O que nos chama atenção nesta passagem é o modo como tentam expor a representação da morte destinada a estas pessoas que vivem numa condição de necessidade e sofrimento, que em certa medida auxilia na tipificação imaginária do poema **Morte e Vida Severina** enquanto obra engajada:

– É a gente sem instituto,  
gente de braços devolutos;  
são os que jamais usam luto  
e se enterram sem salvo-conduto.  
– É a gente dos enterros gratuitos  
e dos defuntos ininterruptos.  
– É a gente retirante  
que vem do Sertão de longe.  
– Desenrolam todo o barbante  
e chegam aqui na jante.  
– E que então, ao chegar,  
não tem mais o que esperar.  
– Não podem continuar  
pois têm pela frente o mar.  
– Não têm onde trabalhar  
e muito menos onde morar.  
– E da maneira em que está  
não vão ter onde se enterrar. (*Ibid.*, p. 117-118)

E:

– Mas o que se vê não é isso:  
é sempre nosso serviço  
crescendo mais cada dia;  
morre gente que nem vivia.  
– E esse povo de lá de riba  
de Pernambuco, da Paraíba,  
que vem buscar no Recife  
poder morrer de velhice,  
encontra só, aqui chegando,  
cemitério esperando.  
– Não é viagem o que fazem,  
vindo por essas caatingas, vargens;  
aí está o seu erro:  
vêm é seguindo seu próprio enterro. (*Ibid.*, p. 118)

Ao termos contato com estas passagens da obra cabralina, diferente das outras partes do poema analisadas por nós, percebemos que a morte não está iconicamente representada, ou seja, não possui aspectos que remetem ao fundamento da morte natural e, também, não há representações que denotam a morte ritualizada. A constatação nossa nesses fragmentos é, na verdade, a morte veiculada às questões sócio-antropológicas, i.e., à morte social. Esta evidência pode ser percebida na constatação das desapropriações institucionais na vida dos retirantes retratados na conversa dos coveiros, isto é, a perda de valores (moradia, direitos, trabalho, viver até a velhice, lugar onde possa ser enterrado, entre outros) que fazem com que indivíduos continuem participando de uma determinada classe ou grupo social. Esta representação torna-se mais notória quando um dos coveiros menciona que morrem pessoas que nem viviam, corroborando com a ideia que fundamenta a morte social.

Semioticamente falando, o que notamos nesses dois últimos fragmentos citados por nós da 10ª parte do poema é que o paradigma referencial do termo “morte”, ou, para sermos mais técnicos, uma das qualidades que compõe a semiosfera da palavra “morte” – interrupção definitiva – apresenta-se encarnada num conjunto sintagmático que representa a morte social, caracterizando assim a morte enquanto um estado de coisas existentes. Esta representação torna-se mais nitidamente materializada quando o próprio protagonista Severino percebe a dimensão de seu atual status social determinado pelo seu êxodo rural e, por isto, decide de vez acabar com a vida, que para o retirante não há mais sentido (se é que em algum momento houve significado):

E chegando, aprendo que,  
nessa viagem que eu fazia,  
sem saber desde o Sertão,  
meu próprio enterro eu seguia.  
Só que devo ter chegado  
adiantado de uns dias;  
o enterro espera na porta:  
o morto ainda está com vida.  
A solução é apressar  
a morte a que se decida  
e pedir a este rio,  
que vem também lá de cima,  
que me faça aquele enterro  
que o coveiro descrevia: [...] (*Ibid.*, p. 120)

Chegando num dos cais do rio Capibaribe, em que o retirante decide saltar “da ponte”, e, portanto, para fora da vida, um dos moradores daquele contexto, chamado Seu José, mestre carpina, aproxima-se do retirante, com o qual traça um diálogo. O retirante, neste momento, pergunta ao seu interlocutor a respeito de características do rio, que possibilite a execução de seu suicídio. Durante os questionamentos de Severino, há interrupções feitas pelo mestre carpina, que, por sua vez, profere em relação a cada uma das perguntas afirmativas do retirante. Vejamos uma parte do diálogo:

– Seu José, mestre carpina,  
e quando ponte não há?  
quando os vazios da fome  
não se tem com que cruzar?  
quando esses rios sem água  
são grandes braços de mar?  
– Severino, retirante,  
o meu amigo é bem moço;  
sei que a miséria é mar largo,  
não é como qualquer poço:  
mas sei que para cruzá-la  
vale bem qualquer esforço. (*Ibid.*, p. 121)

Se observarmos bem a conversa entre Severino e Seu José, em toda a 12ª parte do poema, podemos constatar que há uma espécie de colisão entre ambos os argumentos proferidos pelas personagens. O que nos interessa nessas passagens são os modos como ambas as falas dos personagens representam o jogo semiótico entre a vida e a morte. As falas proferidas por Severino retirante estariam para a morte, apontando as circunstâncias presentes em vida, se é que podemos chamar isto de vida, que contribuem para o óbito. Enquanto isto, os ditos expostos pelo mestre carpina

representaria a vida, mostrando que embora as circunstâncias apontem para a morte, seja ela social ou natural, deve-se esforçar em permanecer na ponte da vida.

Ao lermos essas evidências, vemos na fala de Seu José a tentativa de justificar a permanência na vida, utilizando o próprio sentido de vida, exigindo de nós a categoria interpretativa que fundamenta a utilização de pressupostos para evidenciar a representação da morte, e, com isto, corroborando para as sinalizações da morte arvoradas nas falas do retirante. Tais evidências são índices que apontam para a morte, caracterizando-a enquanto aquilo que não tem fio, que não possui pontes para a permanência no caminho, ausência, inação, fim. Não é por acaso que Seu José, na 18ª parte do poema, apresenta a vida da seguinte maneira:

É difícil defender,  
só com palavras, a vida,  
ainda mais quando ela é  
esta que vê, severina;  
mas se responder não pude  
à pergunta que fazia,  
ela, a vida, a respondeu  
com sua presença vida.  
E não há melhor resposta  
que o espetáculo da vida:  
vê-la desfiar seu fio,  
que também se chama vida,  
ver a fábrica que ela mesmo,  
teimosamente, se fabrica,  
vê-la brotar como há pouco  
em nova vida explodida;  
mesmo quando é assim pequena  
a explosão, como a ocorrida;  
mesmo quando é uma explosão  
como a de há pouco, franzina;  
mesmo quando é a explosão  
de uma vida severina. (*Ibid.*, p. 132-133)

### Considerações finais

Podemos agora suprir a necessidade que nos motivou analisar o poema dramático **Morte e Vida Severina**, escrito por João Cabral de Melo Neto, o qual é considerado por nós manifestação sistêmica de signos. Isto é, o objetivo que norteou nossa pesquisa foi procurar entender qual a razão lógica por trás das ocorrências representacionais no poema dramático **Morte e Vida Severina**, levando em conta os signos que representam a morte.

Vimos de maneira monádica como a morte de fato foi representada no poema dramático, considerando-o singularmente em sua estrutura semiótica. Estas nossas observações proporcionaram vermos o modo como a morte (objeto representado) mantém relação com os signos que a representam. Mais precisamente, nossos exames contribuíram na constatação de que os paradigmas representacionais que potencializam o poema dramático cabralino enquanto *representamen* da morte são aspectos essencialmente e predominantemente icônicos e indiciais; embora haver também uma constatação de representação simbólicas. Estas observações mostram que o poema tenta criar imagens a respeito da morte, valendo-se das relações de semelhança e de conexões particulares com aquilo que representa.

Santaella (2008, p. 120), ao descrever as subcategorias hipoicônicas (tipos de ícones que podem encarnar numa linguagem de modo singular), diz que os ícones têm esse poder de criar imagens, metáforas e diagramas na tentativa de simular aquilo que representa. Mais adiante, ao falar das categorias indiciais, a autora expõe que os índices possuem a propriedade de mostrar, apontar e remeter (*ibid*, p. 121). Estas duas referências às categorias ícone e índice deixam nossas observações da obra cabralina mais concisas.

## Referências

- ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente:** da Idade Média aos nossos dias. Tradução Priscila Viana de Siqueira. Ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BOSI, Alfredo. João Cabral de Melo Neto. **In: História concisa da literatura brasileira.** 43<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 502-506.
- BOWKER, John Westerdale. **Os sentidos da morte.** Tradução I. F. L. Ferreira. São Paulo: Paulus, 1955.
- GURGEL, Wildoberto Batista. A morte como questão social. **In: Barbarói.** Santa Cruz do Sul, n. 27, Jul./Dez. 2007. p. 60-91.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 607, 1863, 1866.

LIMA, George. Representações macabras em Morte e Vida Severina. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n. 1, p. 113 - 126, 2014. (ISSN 2317-1006 - online).

KURY, Mário da Gama. **Dicionário de mitologia grega e romana**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001. p. 162, 365.

LIMA, George. **Tradução e a relação triádica do signo**. (no prelo)

MARANHÃO, José Luiz de Souza. **O que é morte**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e Vida Severina e outros poemas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12ª ed. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 45, 132, 355-357.

\_\_\_\_\_. João Cabral de Melo Neto. **In: História da literatura brasileira: volume III – Modernismo**. 6ª ed. São Paulo: Cultrix, 2008. p. 316-324.

MONTAIGNE, M. De como filosofar é aprender a morrer. **In: MONTAIGNE, M. Ensaio**. São Paulo: Abril Cultura, 1972. p. 48-55. (Os Pensadores, XI).

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica e Filosofia: Textos Escolhidos**. Tradução de Octanny Silveira da Mota e Leonidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix, 1972.

\_\_\_\_\_. **Escritos coligidos**. Seleção de Armando Mora D'Oliveira; Trad. de Armando Mora D'oliveira e Sérgio Pomerangblum. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultura, 1983. (Os Pensadores).

\_\_\_\_\_. **Semiótica**. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2010. (Estudos; 46).

PIGNATARI, Décio. **Semiótica & literatura**. 6ª ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

\_\_\_\_\_. **Teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

\_\_\_\_\_. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

Recebido em julho de 2014.

Aceito em setembro de 2014.